

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 19 de novembro de 2014**

*Texto de referência: J. Carrón e D. Prosperi, “Não sou quando não estás aqui”,
Passos, novembro 2014, pp. 13-24.*

- *Barco Negro*
- *L’iniziativa*

Glória

Carrón: “Acordei, tremendo, deitada na areia. Mas logo os teus olhos disseram que eu não era feia, e o sol penetrou no meu coração”, acabamos de escutar na canção. É o primeiro contragolpe da realidade que penetra no profundo do nosso eu. Podemos acordar tremendo, sentindo-nos feios, mas são outros olhos que me dizem quem eu sou e, então, o sol penetra no coração. E quando dizem que ele foi embora, a certeza, somente a certeza daquele olhar pode levar a dizer: “São loucas!”, mas loucas mesmo, porque “eu sei, meu amor, que nem chegaste a partir. Porque tudo, em meu redor, me diz que estás sempre comigo” (“Barco Negro”, fado português, texto de Dom Mourão-Ferreira). Por quê? Por que é possível dizer que está sempre comigo, não importa o que aconteça, não importa o pensamento que apareça, não importa a impressão que tenha de mim mesmo? Porque “eu não existia e Ele me criou / eu não existia e ele me amou / [...] Ele tomou a iniciativa / e, então, qual o nosso medo?” (“L’iniziativa”, de C. Chieffo e M. Neri). Todo o problema, todo o drama da vida está aqui. Então, o caminho a ser feito é para que se torne cada vez mais meu esse olhar, que é a verdade de mim, a única verdade de mim, e não a impressão que eu tenho, não a imagem que eu tenho, não o sentimento que tenho, porque tudo isso é consequência do modo com o qual me olho, é o êxito de um juízo sobre mim que é errado, radicalmente errado, radicalmente falso, porque “eu não existia e Ele me amou”.

Mas não basta repetir isso, é preciso que se torne meu. Sabemos bem que entre dizer e fazer há uma grande distância, porque é esse olhar, esse desejo que se ofusca e desaparece. Por isso, terminamos o último encontro com uma pergunta que chegou por e-mail: “O que desperta em nós o desejo, a espera, a vivacidade na rotina normalmente ofuscada por esses pontos mortos, por esses momentos escuros? Nós vivemos a realidade, querendo ou não, mas o que nos faz viver intensamente o real, dia após dia? Às vezes, eu gostaria de ter um desejo maior, mas não sei dá-lo a mim”. Muitas vezes, nós decidimos, antes mesmo de entrar na realidade, o que deveria nos despertar. E cada um de nós, assim que acorda, tem uma ideia do que deveria despertá-lo, por isso já decidimos que a maioria das coisas que nos acontecem não nos despertarão; o nosso ponto de partida é pré-estabelecido, porque já decidimos que certas coisas nunca poderão nos despertar. Porém, Dom Giussani nos introduz na realidade sem nos permitir decidir antecipadamente, porque não sabemos como o Mistério, que nos toca através da realidade, pode chegar a nós no decorrer do dia.

Colocação: *A esta pergunta: “O que desperta em nós o desejo, a espera, a vivacidade na rotina normalmente ofuscada por esses pontos mortos, por esses momentos escuros?”, eu não saberia o que responder, até que, duas semanas atrás aconteceu...*

Carrón: Esse é o ponto: não saberíamos responder; mas o Mistério, ao invés de nos dar uma aula, faz acontecer alguma coisa diante de nós. “Não saberia o que responder, até que, duas semanas atrás aconteceu...”. O que aconteceu?

Colocação: *Aconteceu que, começando a viver e a responder às provocações que a vida me colocava, meu desejo explodiu novamente, rompendo todos os limites e as medidas que eu tinha construído em torno dele. De fato, há duas semanas, enquanto estava presa na definição que eu tinha sobre mim (ou seja, cheia de limites e incapaz), uma menina do meu curso, surpreendentemente, perguntou a mim e a outra amiga se éramos de CL. Ficamos surpresas porque não conseguíamos explicar de onde nascia uma pergunta do gênero, e conversamos um*

pouco com ela. Falamos de nós, da nossa pertença ao Movimento; dissemos que se ela realmente queria nos conhecer poderíamos assistir juntas o vídeo dos sessenta anos de CL, criado exatamente para responder à pergunta que ela tinha feito. Ironicamente, Deus nos usou como Seu instrumento. Essa menina, de fato, disse que queria nos conhecer porque ficou surpresa com a nossa paz e alegria de viver. Por causa desse desejo ela leu minuciosamente e sublinhou o texto da Jornada de Início de Ano, veio rezar o Angelus na universidade e foi conosco à Escola de Comunidade. Seu insaciável questionamento e sua insistente necessidade de entender mais a sua história cristã rompeu completamente as minhas medidas e o seu olhar sedento e curioso entrou também em mim, em mim, que li tantas vezes o texto da Jornada de Início de Ano, mas tinha esquecido que a maior possibilidade da vida é começar a se maravilhar com as coisas simples e aparentemente pequenas. O encontro com essa menina colocou novamente em movimento o meu desejo de conhecer, de viver com Cristo, que tão potently atraiu toda a vida dessa menina. O simples fato de ter aceitado responder à pergunta, aparentemente incômoda, dessa colega, sem me defender ou fugir, fez-me sentir viva e renascida no desejo de poder maravilhar-me a cada instante ao invés de me refugiar no meu “já sabido”. Estou surpresa pelo fato de Deus ter-me devolvido a sede d’Ele, de ter voltado a falar comigo pelo simples fato de eu ter dito sim.

Carrón: “O seu olhar sedento e curioso entrou também em mim”. O olhar dessa moça, encontrada inesperadamente, moveu o desejo a ponto de atrair toda a vida dessa moça e fez renascer nela, o desejo. E diz: “Estou surpresa pelo fato de Deus ter-me devolvido a sede d’Ele”. Como a devolveu? Através de um imprevisto, de um particular da realidade que pode ser, como neste caso, algo estupendo ou que pode ser uma circunstância não tão estupenda. Alguns dizem que essas coisas só acontecem quando olhamos para as montanhas ou para uma coisa bonita, enquanto o acontecimento de uma coisa ruim não diz nada, não desperta. No entanto,...

Colocação: *No dia 1º de março de 2013 sofri um acidente de carro, onde minha mãe faleceu e eu quebrei praticamente tudo. Fiz uma cirurgia de urgência e fiquei alguns meses no hospital. Desde os primeiros instantes em que meus amigos começaram a vir me visitar, durante a terapia intensiva, a única coisa que pedia a eles era: “Não venham aqui para me consolar, para eliminar o drama que eu tenho, porque preciso manter vivo esse drama para dar-me conta de Cristo feito carne”. Além disso, no início eu vivia fazendo de tudo para sair o mais breve possível do hospital onde ficava sozinho cinco horas por dia (sobretudo no início, as visitas eram esporádicas). A realidade que eu queria não estava ali dentro. Lembro-me, por exemplo, do esforço enorme que fazia para tentar me sentar: não conseguia e, exausto, despencava na cama. Uma vez, um amigo meu ficou me olhando enquanto eu tentava me sentar, e eu lhe disse: “Está vendo? Faço de tudo para me impor como posso à realidade que está na minha frente, porém, entendo que é exatamente ali que Cristo me chama, nas cinco horas diárias nas quais fico sozinho e imóvel. É com isso, com a realidade que tenho agora, que Deus me diz quem sou”. Falando sobre isso com um amigo alguns meses depois, ele me dizia: “Você está aprendendo um método, um método para viver: é a realidade que está lhe ditando o método, não é você que o impõe a ela”. E nesse sentido, para mim foi fundamental seguir aquele lugar onde tinha acontecido o encontro, que eu reconhecia como verdadeiro e essencial, para recomeçar do nada que tinha naquele momento. Fundamentalmente, este foi o meu drama, ou melhor, o drama do meu coração, o drama que nasce do fato de que a vida ou é vocação ou é nada, ou é relacionamento constante com a iniciativa que Cristo toma com você, com a qual diz quem você é através da realidade, ou é nada. Um exemplo disso é que numa manhã, há alguns meses atrás, acordei e finalmente me sentia tranquilo. Pensei: “Não sinto mais aquela inquietude que me invade todas as manhãs”. Então, tomei café com calma e me arrumei para ir à missa, mas depois de dez minutos já não aguentava mais e, para minha grande surpresa, comecei a pedir para voltar a ter aquela urgência do coração, a urgência de viver, a minha urgência original (enquanto homem) de realização da vida. Porque eu tinha afirmado, tinha encontrado Aquele que respondera e respondia a essa urgência. Fiquei comovido ao perceber que eu seguia. Foi comovente para mim a proposta da venda de Tracce, porque dizia a mim mesmo: que graça ter alguém que nos provoque a tomar consciência, a afirmar juntos, acompanhando-nos,*

*diante do mundo, o que tomou a nossa vida, por que vale a pena viver, por que que nós vivemos! E como é comovente, para mim, participar com a comunidade de todos os gestos que são propostos porque, independentemente da consciência de quem está ali, dou-me conta de estar na companhia de alguém que **brama** Cristo como eu, com quem posso descobrir Cristo. Como é comovente, para mim, começar o dia, às vezes surpreendendo-me no meu nada, lendo a Escola de Comunidade, e dar-me conta novamente de que sou colocado diante do fato de que Cristo, na circunstância que tenho diante de mim, me pede para ser objeto e instrumento do Seu amor pelo mundo. Penso em um colega de curso que conheci em setembro, a quem dei um exemplar de Tracce: fomos companhia um ao outro a ponto de ele, primeiro, desejar compartilhar comigo o gesto da caritativa e, depois, começar a ir também a outros gestos. Neste verão, um amigo me perguntava: “Por que você vive assim? Desse modo, como será possível ficar tranquilo na vida?”. E eu lhe respondi: “Está vendo? Até dois anos atrás eu teria lutado pela minha independência também na fé, hoje não posso renunciar a viver na dependência total de Cristo”. Não sei quantas vezes não fiz aquilo a que era chamado - certamente muitas vezes - e quantas vezes o faço, e quantas vezes o farei, mas não posso mais viver sem o desejo de poder afirmá-Lo em cada instante e circunstância e de dar-me conta de como me prefere em cada instante e circunstância. O meu “sim” é, todavia, um “sim” imperfeito, instante por instante, mas sei de Quem consisto e sei que valor tem o meu seguimento.*

Carrón: A través daquilo que nos acontece o Senhor nos faz aprender um método. Porque é a realidade que nos dita o método, como nos disse Dom Giussani desde o primeiro capítulo de *O senso religioso*. Mas tudo isso para nós é como uma premissa, depois nos esquecemos e decidimos por nós mesmos o que é a realidade e qual é o método para vivê-la. Mas quando acontece uma coisa como essa que o nosso amigo nos contou, misteriosamente é exatamente ali que começamos a aprender realmente o método para a vida. Um momento antes ele buscava independência, buscava a realidade onde pensava que ela estivesse (Cristo devia estar fora do hospital, não dentro), isto é, à margem da vida verdadeira. E, no entanto, um momento depois descobre que Cristo está exatamente onde Ele o colocou.

Colocação: *Na ala do hospital em que trabalho, uma paciente nossa, a quem eu era muito afeiçãoada, piorou, e isso determinou um pouco o clima de todos, foi um fato que se impôs também pela sua dramaticidade. Nessa história, senti-me chamada a me colocar dentro do relacionamento com ela. E vivi tudo isso no meu turno de trabalho junto com um colega, um pouco cansado do nosso trabalho, cansado de um modo geral da vida e irritado, crítico, contra o cristianismo. Um dia, terminamos nosso turno e estávamos fumando um último cigarro antes de ir para casa, então, ele olhou para mim e disse: “Preciso lhe perguntar uma coisa”. “Diga”. “Por que você ama desse modo? Quero que você me ensine a amar como você ama”. Isso me impressionou porque percebi que muitas vezes eu me questioneei sobre o relacionamento com os meus colegas (também em relação ao vídeo sobre CL e a tantas outras coisas), mas esse episódio iluminou o fato de que o laço, a ponte que existe entre aquilo que aconteceu comigo e a pessoa que tenho diante de mim, sou eu! Eu, eu como necessidade. Não sei por que ele me fez aquela pergunta exatamente naquele momento, não sei, tanto que fiquei sem palavras; depois, continuamos trabalhando juntos nos dias sucessivos e não sei aonde isso vai levar. Porém, para mim, antes de mais nada, dar-me conta de poder renascer ali dentro foi um contragolpe, porque uma pergunta assim tem a ver com aquilo de que preciso.*

Carrón: É um outro que, às vezes, como neste caso, nos desperta a nós mesmos de modo absolutamente imprevisto, vendo o nosso modo de estar na realidade. Dizemo-nos isso, não para ficarmos contentes ou para nos gloriarmos, mas para nos darmos conta de que o fato de alguém nos fazer uma pergunta assim, nos desperta.

Colocação: *Eu também, fazendo o trabalho sobre a Escola de Comunidade, parti da pergunta que você nos fez: Como se faz para viver intensamente o real, dia após dia? O que desperta o nosso desejo? E, olhando-me em ação, pude ver que tudo é mais verdadeiro quando enfrento as coisas partindo de Cristo, isto é, com a consciência de não estar sozinha porque Cristo está comigo.*

Cristo: aquela beleza que entrou na minha vida há mais de trinta anos e que agora, seguindo você, reconta mais uma vez. O desejo é realmente despertado no seguimento, seguindo aquilo que a Igreja e o Movimento me indicam. Cristo me chama aqui e agora através da nossa companhia e, assim, de maneiras quase sempre imprevistas e imprevisíveis, o meu relacionamento com Ele se torna mais sólido, consolida-se, de modo que agora posso dizer que não me sinto – jamais! – abandonada por Ele. Somente n'Ele e a partir d'Ele posso recomeçar, porque os momentos escuros do dia sempre acontecem, mas a luz à qual olhar existe. É exatamente a memória de Cristo que me dá um respiro diferente para enfrentar as coisas. Se penso na minha história, dizer essas palavras agora me provoca arrepios, porque cinco anos atrás, quando minha irmã morreu tragicamente, eu fiquei com raiva de Cristo porque tinha permitido a sua morte, a tinha tirado de mim. Mas exatamente este fato tão doloroso me obrigou a verificar se realmente Cristo ajuda a viver, isto é, se me ajuda a viver sobretudo uma dor tão forte e lacerante. Agora, pode me acontecer de tudo, como nesses últimos anos realmente me aconteceu, mas Cristo é tão certo para mim que não temo mais coisa alguma, podem até me tirar tudo, mas Cristo não, não pode mais ser tirado da minha vida, porque vive em mim, no meu eu tornado novo e certo da Sua presença. Como Dom Giussani sempre diz: a companhia está no eu, não existe uma única coisa que façamos sozinhos. Estou experimentando exatamente aquilo que minha irmã escreveu em sua última carta antes de passar por uma operação à qual não conseguiu sobreviver: “Jesus habita a minha vida”. Durante meses, eu me perguntei: será que é assim também para mim? Jesus habita a minha vida? Agora, digo que sim, porque tudo o que vivo é realmente para dar glória a Ele, reconhecido como significado da minha vida. E estou nessa estrada, essa “estrada bela”, porque seguindo aprendo a conviver com Cristo e isso me faz crescer certa de que tudo se torna cada vez mais meu, certa de que Cristo reconta no seguimento, isto é, permanecendo.

Carrón: Como vimos, a resposta que emerge das experiências que ouvimos é que o que desperta o desejo é uma modalidade imprevista e imprevisível através da qual pouco a pouco cresce a certeza de Cristo. Assim, nós podemos partir sempre dessa memória, que não é um fato do passado, porque não podemos mais separá-lo de nós mesmos. Este é um êxito que Cristo traz à vida: nada nos é poupado, mas o eu cristão é um eu diferente, é um eu onde tudo é habitado por aquela Presença que ninguém pode mais arrancar de nós. É isso que levamos ao mundo, que colocamos diante de todos através do modo como estamos na realidade. Então, o que nos desperta pode ser a realidade de muitas maneiras ou a memória de Cristo. Alguém me pergunta por email: “Retomando o texto e, sobretudo, vivendo a vida cotidiana, percebo o valor das circunstâncias como guia à experiência concreta e estável de Cristo, mas ao mesmo tempo parece-me que só as circunstâncias não bastam. Cristo existe, as circunstâncias existem, mas eu me perco. Tenho família, trabalho, amigos, circunstâncias e problemas normais, mas a ilógica ou, talvez lógica, alegria, normalmente dá o fora. E então, o que falta?”. O que falta?

Colocação: *Fiquei muito tocado na última Escola de Comunidade com a observação que você fez sobre o “mítico porém” e sobre o “mas, depois”, porque, no fundo, eu sempre segui a Escola de Comunidade e sempre tive a convicção de que concordava e entendia. Depois, saía pela porta e o “mítico porém” e o “mas, depois”...*

Carrón:...Entravam pela janela!

Colocação: *É, sim. Então, tentei responder às perguntas que você fez no final do último encontro. E esta é a minha experiência dos últimos anos de tentativas dentro do caminho. Desde o primeiro ano da escola elementar, lembro-me que chutava as pedras na rua perguntando-me porque não podia ser como elas: sem pensamentos e sem problemas. Depois, muitos fatos, inclusive dramáticos e dolorosos, aconteceram no decorrer dos anos: a morte de minha mãe quando eu era pouco mais que um menino, a dor de minha irmã que não pode ter filhos, a frustração do meu irmão por causa de um tumor, os tratamentos do meu pai por causa de um câncer avançado. Se precisasse fazer os cálculos, como sempre fiz, é evidente que as contas não fechariam, e me restaria como sempre uma religiosa consolação pietista, boa, mas formal. O fato, porém, de as contas nunca fecharem, constantemente me encheu de muitos questionamentos sobre tudo e sempre tive medo de não*

conseguir encontrar uma resposta, acabando assim por eliminar e calar as perguntas, pensando que ou era eu que não funcionava ou as minhas circunstâncias eram muito ruins.

Carrón: Entendem? “Ou era eu que não funcionava ou as minhas circunstâncias eram muitos ruins”. A consequência disso é que as contas não fecham e no fim resta apenas uma “religiosa consolação pietista, boa, mas formal”. Como dizia a colocação que acabei de citar: “Cristo existe, as circunstâncias existem, mas eu me perco”. Temos tudo, mas eu me perco. E, então?

Colocação: *Depois...*

Carrón: “Depois”! Não: “Mas, depois”... “Depois”!

Colocação: *Depois, eu vi você. E percebi – essa é a coisa que mais me impressionou – que você não só tem mais perguntas do que eu, mas sobretudo não tem medo delas. Mas, como? Você é o responsável, etc, etc. Você deveria ter respostas! Assim, para mim, viver intensamente o real tornou-se um deixar explodir todos os dias essas perguntas que são mais eu do que eu mesmo, são a minha natureza, da qual sempre tive medo. A nostalgia, a tristeza e a solidão são companheiras de todos os dias e não só não terminam, mas aumentam com o tempo e, assim, tornaram-se caras a mim. Não passa um dia sem que pelo menos uma palavra ouvida ou um pensamento, ou uma frase lida, ou um olhar cruzado entre nas minhas perguntas, me sacuda e me faça desejar ser novamente. Não sou um herói do desejo que não posso dar a mim mesmo, mas dou-me conta dele quando ele é novamente aceso.*

Carrón: Portanto, o que falta? O que falta à fé, muitas vezes? Falta o eu. Porque não basta dizer: “Cristo existe”. Não basta dizer: “As circunstâncias existem”. Eu posso, assim mesmo, me perder. Uma passagem dos Exercícios da Fraternidade de 2009 dizia: “Mas, por que – se é tão evidente esse testemunho, se estamos rodeados por uma quantidade tão grande de testemunhas –, por que depois de pouco tempo ficamos de novo perdidos, presos no nosso sentimento, sufocados na circunstância? O que falta hoje entre nós não é a Presença [estamos rodeados por sinais, por testemunhas!]; falta o humano. Se a humanidade não entra em jogo, o caminho do conhecimento para” (J. Carrón, “Da Fé, o Método”, supl. de *Passos*, nº106, julho de 2009, p. 21). Então, o que Cristo faz? Em que se documenta que Cristo existe e que está realmente contribuindo com aquilo que me falta? Porque nos torna conscientes de que desse modo as contas não fecham. Porque, para mim também as contas não fechavam e eu, tendo entrado no Seminário aos dez anos, tinha tantas consolações religiosas quantas quisesse. Mas as contas não fechavam. Entendo muito bem isso, por isso sei perfeitamente o que faltava, e sempre disse a vocês que eu agradeço a Dom Giussani porque, desde que o conheci, pude fazer um caminho humano que envolve o meu eu, fazendo-me levar a sério as perguntas (porque a pergunta é uma parte fundamental do caminho). E, por isso, agora, tenho menos medo das perguntas, aliás, realmente as considero amigas. Venha de onde vier, saia de onde sair, surja de onde surgir, uma pergunta é sempre algo que me coloca em movimento em busca de uma resposta. Sem as perguntas, Cristo permaneceria um “puro nome”, diz Giussani. Mas nós, muitas vezes, queremos nos poupar exatamente disso. O resultado é uma fé formal que, depois, diante das coisas, nos faz ficar sem palavras. Não é uma perseguição do Mistério contra nós. Tudo quanto nos acontece – sempre ouvimos Dom Giussani dizer – é para o nosso amadurecimento, isto é, para que emergja cada vez mais um eu consistente. E exatamente essa consistência é a coisa que verdadeiramente surpreende hoje, na realidade, como testemunha a pergunta que foi feita à amiga que falou primeiro: “Por que você ama desse modo?”. Como é possível estar na realidade desse modo? Discursos religiosos, todos têm muitos para vender, assim como nós. Mas aquilo de que nós precisamos e de que os outros precisam é encontrar alguém em quem acontece algo que desperte mais uma vez o desejo. Isso é possível.

Colocação: *Gostaria de compartilhar com todos vocês a minha experiência e o meu encontro com o Movimento. Era uma terça-feira qualquer e eu estava caminhando pela rua em direção à minha casa. Num determinado momento, logo depois de ter atravessado uma das ruas, um rapaz me parou pedindo que eu o ouvisse por alguns minutos. O que aquele rapaz queria de mim? Simplesmente que lhe dedicasse alguns instantes, então, disse a mim mesma: por que negar isso? Ele começou a me contar como Comunhão e Libertação tinha mudado a sua vida, como o*

cristianismo e a presença de Deus fossem importantes para viver até o fundo o cotidiano. Através da intensidade de suas frases, quanto mais falava, quanto mais me olhava nos olhos, mais percebia o quanto, nos últimos tempos, faltava seiva vital na minha vida. Naquele dia, esse rapaz me deu um exemplar de Passos, uma revista como outra qualquer, aparentemente. Mas desde que comecei a ler os testemunhos das pessoas, meu coração compreendeu novamente o que era o estupor, a plenitude e a maravilha. Dizia a mim mesma: são apenas palavras, simples palavras, mas como é possível que me toquem tanto? Anexado à Revista, havia o vídeo dos 60 anos do Movimento. Assistindo-o, comecei a entender o que era Comunhão e Libertação; algo que me tocava profundamente, mas ainda não era completamente claro para mim. Alguns dias depois, falei sobre as minhas dúvidas e coloquei as minhas numerosas perguntas àquele rapaz, o qual, tentando colocar-me diante da experiência verdadeira e concreta, convidou-me para participar da Escola de Comunidade. Não nego que, desde que ouvi aquelas maravilhosas pessoas falarem sobre a própria vida e seu cotidiano com grande espontaneidade, dei-me conta de quanto o meu mundo tinha estado paralisado até aquele momento. Foi muito emocionante também ouvir aquele rapaz dizer o que o nosso encontro tinha provocado nele próprio, que o tinha feito redescobrir a beleza daquilo que lhe tinha sido dado. Desde o dia em que encontrei aquele rapaz e todos os seus admiráveis amigos, que agora considero também meus, voltei a sentir a presença de Deus em minha vida mais forte do que nunca, voltei encontrá-Lo sozinha e junto com eles. A única coisa que posso dizer a ele é obrigada por ter-me permitido fazer parte deste mundo, obrigada por ter-me permitido estar na primeira fila no início deste novo percurso, que é a minha vida junto a todos vocês. Agora, acordo de manhã com um objetivo, com a vontade de gozar da presença de Deus em cada momento do meu dia e com a imensa energia que me leva a querer encontrar todos eles todos os dias para poder contar cada uma das coisas que me impressionam e me provocam em cada instante da minha vida.

Carrón: Obrigado, caríssima. A proposta de um gesto como a venda de *Tracce* com o DVD anexado provocou nesse rapaz a redescoberta da beleza para si, vendo aquilo que acontecia nela. Um universitário me contou uma coisa parecida. Ele encontrou e convidou um rapaz muçulmano para assistir o vídeo, que, no fim, disse: “Eu não sabia que existia uma coisa assim, não achava que pudesse existir. O mundo precisaria saber!”. Temos o testemunho de muitos agradecimentos como esses, e não porque sejamos bons, mas porque compartilhamos com os outros o Acontecimento que nos tomou. Esse é o caminho que fizemos ao longo destes meses graças à venda de *Tracce*, uma experiência da qual cada um que participou pôde experimentar a grande possibilidade de testemunhar aos outros o que nos aconteceu. Por exemplo, uma pessoa me contou que assistiu ao vídeo com um colega que sempre foi contrário ao Movimento por causa de uma experiência que teve com um dos nossos no passado. Mas, depois de assistir ao vídeo, precisou admitir: “As coisas não encaixam. Vi outra coisa, que não imaginava”. A novidade que se introduziu nessa pessoa, que tinha e teria muitas coisas para repreender em nós, não foi fruto de uma dialética, mas de deparar-se diante da vida de muitos de nós que, com todos os limites que sabemos que existem, procuraram compartilhar o Acontecimento com os outros. Por isso, no fim deste período de empenho com venda de *Tracce* e o vídeo anexado, precisamos verdadeiramente nos tornar conscientes daquilo que aconteceu, para que não permaneça um gesto não julgado, isto é, uma experiência que não se torna fonte de conhecimento. Durante este ano, muitas vezes nos perguntamos: o que é a presença? Como podemos estar presentes em uma situação histórica como esta? Pois bem, vimos que não é tão complicado, que muitas e muitas pessoas ficaram tocadas e “desnorteadas” pela beleza daquilo que viram como possibilidade de caminho para elas, vendo-se diante de uma humanidade que gostariam também para si mesmas. Aconteceu algo de imprevisto também para nós, que muitas vezes nos perguntávamos: como podemos comunicar aquilo que nos aconteceu? Foi fácil, exatamente como sempre descreveu Dom Giussani: é algo que vem antes de qualquer outra explicação. Tudo pode ser resumido naquela frase do texto *Algo que vem antes*: “O acontecimento de Cristo se faz presente “hoje” num fenômeno de humanidade diferente: um homem se depara com esse fenômeno e reconhece aí um pressentimento novo de vida, algo que aumenta sua possibilidade de certeza, de positividade, de esperança e de utilidade na vida, e que o move a seguir (L. Giussani “Algo que vem antes”, *Passos*, n. 100, Dezembro/2008, p. 1). É simples. Porque, como mostra o vídeo, a linguagem

do fato é o testemunho, uma novidade de vida que se vê, uma experiência humana desejável. E por isso, comunicando-o aos outros, nós também nos vemos surpresos ao perceber aquilo que carregamos, a graça que nos aconteceu. É o que dizia agora a nossa nova amiga, ela mesma ficou surpresa pelo fato de o rapaz que encontrou ter se tornado consciente daquilo que carregava, ao comunicá-lo a ela. A fé cresce pedindo-a, cresce testemunhando-a. Nós somos os primeiros a colher o fruto dos gestos que propomos. Inúmeros de vocês o testemunharam através das muitas cartas que chegaram a propósito da venda de *Tracce* e da difusão do vídeo, contando que se reuniram com os vizinhos, com as pessoas do condomínio, com os colegas, com os amigos para assisti-lo juntos. Os primeiros a ganhar com isso fomos nós, através da consciência daquilo que nos aconteceu. E como o Mistério nos deu isso novamente? Não fazendo um discurso, mas em carne e osso, através da mudança acontecida aos outros, através do estupor de palavras novas cheias de significado. Tínhamos razões para nos empenharmos com esse gesto por causa daquilo que nos aconteceu e vimos que este empenho nos deu como fruto ganhar ainda mais razões! “Tinha decidido, por muitos motivos bastante válidos, não dar minha disponibilidade para a venda de *Tracce*. Porém, o pároco veio a nós e pediu que apresentássemos o gesto no final da missa. Eu pensei: por que exatamente eu? Algum outro não pode fazê-lo? Na noite anterior a esse convite do pároco, na Escola de Comunidade tinha sido feito um convite para vivermos esse gesto testemunhando o que significava para nós ser do Movimento: o Movimento sou eu, *Tracce* sou eu. Tinha passado por cima, porque aquilo não dizia respeito a mim. Mas, naquele momento, precisei deixar uma abertura ao Mistério para que pudesse entrar no meu coração; então, disse sim e comecei, pela primeira vez, a me perguntar por que continuo na Escola de Comunidade, no Movimento, sendo cristã. E descobri que estou dentro desse caminho na Igreja porque fui chamada, escolhida, me sinto preferida e sou feliz por ser cristã. Então, pedi à assembleia de fiéis que estava na igreja para compartilhar comigo essa alegria, adquirindo *Tracce*. O método é exatamente estar diante da realidade, ao invés de defender-se dela, com o estupor da criança que diante de uma coisa que não espera, diz: Oooh!”. Porque essa não é uma tentativa de fazer algum tipo de autocelebração, o vídeo não permitiu essa autocelebração a ninguém. Como dizia Davide Proserpi em uma reunião: “Assisti-lo foi estar diante de uma Presença que de algum modo nos julga, em sentido positivo. Não nos deixou indiferentes [a pessoa sente-se colocada em discussão em relação àquilo que vive]. Em que sentido nos julga? Diante de alguém que nos conta uma coisa bonita ou que nos mostra que há alguém que faz coisas grandes, nasce imediatamente o desejo da plenitude de vida que está sendo mostrada em ação em uma realidade humana que tem muitos rostos, muitos aspectos, mas da qual vemos imediatamente o ponto comum, seja na Ásia, na América Latina ou na Austrália. E você vê que realmente é a mesma coisa que está acontecendo, com rostos diferentes. Uma pessoa que estava longe do Movimento há muitos anos, depois de assistir ao vídeo, me disse: “O que eu perdi em todos esses anos?”. Em sua simplicidade, isso toca porque quer dizer que a pessoa sente a sua vida julgada como uma possibilidade. Nesse sentido, é um juízo positivo, um juízo que escancara o desejo, que não deixa indiferente, não deixa apenas um gosto estético, mas desperta toda a alegria de um ‘a mais’, porque a pessoa se sente julgada diante de uma Presença”. É o convite com o qual Cristo nos chama agora, tem piedade de cada um de nós. Por isso, ter participado de um gesto como esse trouxe a muitos de nós uma riqueza inesperada. Espero que cada um possa fazer dele uma fonte de conhecimento, porque todos os gestos que propomos, todas as propostas que fazemos têm apenas esse objetivo. E, por isso, não ficamos tranquilos e nos oferecemos sempre essa possibilidade.

Por isso, na próxima Escola de Comunidade vamos retomar a última parte da Jornada de Início de Ano. Hoje, vimos como tudo se joga na dramaticidade da vida. Então, lhes proponho ler durante este mês a parábola do filho pródigo. Nela, vemos como, àquele filho, a realidade tinha sido dada. A realidade era boa, inteiramente boa: um pai, uma casa, os bens. Tudo era positivo, mas não bastou. Pensem que o homem foi criado por Deus não em uma casa como a do filho pródigo, mas no paraíso terrestre, e o Pai passeava todas as noites com o homem! Mas, como foi criado livre, o homem precisava decidir aceitá-Lo, acolhê-Lo, porque não há acesso à verdade a não ser através da liberdade. No entanto, muitas vezes nós achamos pouco aquilo que nos foi dado, exatamente como

o filho pródigo achava pouco a sua casa, e decide abandoná-la para ir atrás de uma imagem de realização diferente daquela que lhe tinha sido dada, para ir atrás de uma percepção reduzida da necessidade do próprio eu. Assim, o pai o deixa ir e ele começa a grande aventura da vida. De quanto tempo precisamos para entender realmente qual é a nossa necessidade e, assim, poder descobrir a graça de ter um Pai? Por isso, deixo-lhes algumas perguntas. Que percurso a sua liberdade precisou percorrer para descobrir a verdade? Em que você pôde descobrir algum fragmento de verdade, algum aspecto da vida, dentro daquilo que aconteceu em sua vida? Nada, como vimos, é automático. Nada é automático, porque Deus não quer um automatismo. O pai da parábola não quer um filho que esteja em casa formalmente porque o filho, a certo ponto, se cansa e vai embora; e, que não basta ficar formalmente, podemos ver pela postura do filho mais velho que ainda não aprendeu o que quer dizer ser filho e, então, se lamenta. Parece-me uma questão que todos nós precisamos ter diante dos olhos.

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 17 de dezembro, às 21h30.

Sábado, 29 de novembro, acontecerá o **Dia Nacional da Coleta de Alimentos**. É outro gesto proposto à nossa liberdade. Todo ano propomos que todos participem desse gesto e que, no **período do Natal**, apoiem as **Tendas AVSI**. Por que fazemos esses gestos? Precisamos recuperar novamente as razões, porque nada é automático. Todas as gerações devem recuperar as razões, porque gestos como estes começaram há anos, mas não se pode viver de renda, precisamos recuperar novamente e sempre as razões, como dizia Bento XVI, vivendo esses gestos como ocasiões educativas para despertar a nós mesmos, como vimos na **venda de Tracce**: quantas pessoas, participando, precisaram dar-se as razões e as descobriram no diálogo com os outros ou naquilo que os outros disseram. Assim, também esses gestos são, antes de mais nada, para nós; não para resolver o problema da fome, até porque não seríamos capazes. O que fazemos com a Coleta de Alimentos e com as Tendas AVSI é dar um pequeno sinal; através desses gestos nós tomamos consciência da natureza da nossa necessidade. E a necessidade que temos é a de aprender a gratuidade em todos os relacionamentos, porque nos interessa viver a gratuidade em família, entre namorado e namorada, no trabalho, na comunidade; esse é o objetivo pelo qual Dom Giussani nos educou à **caritativa**. Dando-nos conta de qual é a natureza do nosso problema humano, poderemos começar a entender a graça que nos aconteceu, como dizia João Paulo II: “Não haverá fidelidade [...] se não for encontrada uma pergunta no coração do homem, para a qual somente Deus oferece a resposta” (João Paulo II, *Homilia, Viagem à República Dominicana, México e Bahamas*, Cidade do México, 26 de janeiro de 1979). Neste momento histórico no qual podemos ver a redução do eu, a proposta desses gestos é algo crucial para reconquistar a consciência de nós mesmos. Por isso, ao mesmo tempo, respondemos a uma necessidade e adquirimos consciência de nós mesmos e da nossa necessidade. A contribuição, depois, que podemos dar àqueles que, embora não sendo do Movimento, participam da Coleta e das Tendas, é exatamente a de poder tocar, pelo menos neste momento, a orla do manto através de nós que vivemos esse gesto com a consciência que Dom Giussani despertou em nós, à qual nos educou com o gesto da caritativa.

Está disponível o **Cartaz de Natal**, tanto em formato grande quanto pequeno. Os textos propostos são dois. O primeiro, é do papa Francisco: “A fé, para mim, nasceu do encontro com Jesus. Um encontro pessoal que tocou o meu coração e deu um endereço e um sentido novo à minha existência. Não se trata de algo exterior ou forçado, portanto, mas de algo que emana de dentro e que se impõe por si. Jesus, com efeito, toca, desconcerta, inova”.

O segundo, é de Dom Giussani: “É um Outro que toma a iniciativa para com a nossa vida; assim, é um Outro que salva a nossa vida, a leva ao conhecimento do verdadeiro, a leva a aderir à realidade, a leva à afeição pelo verdadeiro, a leva a amar a realidade. Se este anúncio é aceito como uma hipótese de trabalho, então, o respiro retorna, tudo se torna mais simples, se diz pão ao pão e vinho ao vinho, vida à vida e morte à morte, amigo ao amigo; tornamo-nos mais contentes e tudo se torna ainda mais origem de maravilha. E quanto mais a pessoa tenta viver isso tanto mais entende a

desproporção, e caminha humildemente, porque esse Outro que intervém, me toma a cada momento, me toma e volta a me tomar, me lança e cumprirá a obra que começou: nos faz chegar ao destino”.

Mais adequado para o nosso caminho, agora, é impossível encontrar.

Novas datas do Meeting de Rimini. Esta é uma novidade histórica, atenção! Peço que vocês anotem que o próximo Meeting de Rimini acontecerá de **quinta-feira, 20 a quarta-feira, 26 de agosto de 2015**, com encerramento às 24h00.

Veni Sancte Spiritus